A ambivalência dos processos identitários

*Valéria Bastelli Pagnan**

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade:* entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Sociólogo polonês, de descendência judaica, nascido em 1925, Zygmunt Bauman atualmente é professor emérito de sociologia das Universidades de Leeds e Varsóvia. Em todos os seus textos, consegue abalar as nossas crenças fundamentais e este livro de entrevistas sobre a questão da identidade não é diferente. Pode ser tomado como parte do painel que o autor constrói acerca da globalização como uma forma de mudança radical e irreversível e que é instaurado com obras como *Globalização: as conseqüências humanas* (2000), *Comunidade* (2000), *Modernidade líquida* (2000).

Através de um diálogo instigante com o jornalista italiano Benedetto Vecchi, Bauman responde a questões centrais como: "É a identidade um problema sociológico? Desde quando? Que dimensões sócio-históricas ocupam o núcleo das práticas e das políticas identitárias?", ampliando o espaço de discussão sobre o tema da identidade, inserindo-o em sua teoria da era líqüido-moderna.

Para responder a essas questões, observa que não é possível recorrer aos autores clássicos indagando o que é ou o quê constitui a "identidade", isso porque eles próprios não elaboraram estas questões enquanto tais. Além disso, explica ele, "esse súbito fascínio pela identidade, e não ela mesma, é que atrairia a atenção dos clássicos da sociologia" (Bauman, 2005, p. 23). Entretanto, se os clássicos não podem ajudar muito, Bauman nos convida a exercitar um pouco de sabedoria neste debate sobre identidade que está inserido em uma sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais.

Problematizando inicialmente a identidade na ambivalência unidade *versus* diferença – "como alcançar a unidade (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade" (Bauman, 2005, p. 48), o autor esclarece que o que está em jogo nessas "batalhas por identidade" são "misturas de demandas 'liberais' pela liberdade de autodefinição e auto-afirmação" com "apelos 'comunitários' a uma 'totalidade maior do que a soma das partes', bem como à prioridade sobre os impulsos destrutivos de cada uma das partes" (*idem*, p. 84). Seu argumento central é que a questão da identidade precisa envolver-se com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária. Para isto, aponta, ao longo das quinze perguntas de Vecchi, os efeitos da identidade em vários âmbitos como o do trabalho, o do Estado, o dos movimentos sociais.

Nas primeiras questões, respondendo sobre a ligação da identidade com a realidade, o autor destaca nossa luta "para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos" (Bauman, 2005, p. 32), o que acaba criando "comunidades guarda-roupa", reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Segundo o sociólogo, em nossa época líqüido-moderna, ser identificado de modo inflexível é cada vez mais malvisto.

Destaca também o papel da sociedade de massa na proliferação das "maneiras de ser", configurando a identificação como um fator poderoso na estratificação social em que, de um lado, posicionam-se aqueles que articulam e desarticulam suas identidades, escolhendo-as em um leque de ofertas e, de outro, aqueles que tiveram o acesso negado à escolha de identidade.

Nas questões seguintes, Bauman materializa certas dimensões da identidade associando-a a um mosaico. Se considerarmos que a solução de um quebra-cabeça segue a lógica instrumental, em que são selecionados os meios adequados a um determinado fim, a construção da identidade é guiada pela lógica do objetivo, em que são descobertos quais os objetivos que podem ser atingidos com os meios que se possui. O problema não está na forma como as peças se encaixam umas nas outras formando um todo coeso, uma identidade solidamente construída, pois talvez isso fosse um fardo para os habitantes do mundo líquido-moderno. Neste jogo, em que as estruturas não duram muito tempo, "as autoridades que hoje são respeitadas amanhã serão ridicularizadas, as celebridades que serão

* Endereço eletrônico: valpagnan@hotmail.com

esquecidas, os ídolos que só serão lembrados nos *quizz shows* da TV" (p. 55).

Em outro bloco de perguntas, destaca-se a discussão sobre o ressurgimento do nacionalismo e sobre as relações amorosas.

Sobre o primeiro, aponta que no modelo cívico da nacionalidade, a identidade nacional é puramente política, é a escolha do indivíduo de pertencer a uma comunidade baseada na associação de indivíduos de opinião semelhante. Na visão étnica, a identidade nacional é puramente cultural, é dada ao nascer. O fato é que pertencer a uma comunidade é um fenômeno atraente e repulsivo para os habitantes do líquido mundo moderno.

Sobre a questão amorosa, outra ambivalência desta época, "amar significa estar determinado, é compartilhar e fundir duas biografias" (p. 69). A pergunta "estamos seguros quanto a como construir os relacionamentos que desejamos?" está atravessada por outra "estamos seguros quanto ao tipo de relacionamento que desejamos?" Amor, parcerias, compromissos, direitos e deveres tornam-se objetos de atração e apreensão. "Buscamos o amor para encontrarmos auxílio, confiança, segurança, mas os labores do amor, infinitamente longos, talvez intermináveis, geram os seus próprios confrontos, as suas próprias incertezas e inseguranças" (p. 70).

No bloco final, o diálogo perpassa questões como nossas relações com o sagrado, com o movimento feminista, o fundamentalismo religioso, os movimentos antiglobalização, o ciberespaço e a crise do multiculturalismo. Salienta o autor, retomando Hall (1993), que, qualquer que seja a questão, não podemos tentar assegurar nossa identidade adotando versões fechadas da cultura e da comunidade e recusando o engajamento nos difíceis problemas que surgem quando se tenta viver com a diferença.

Alguns trechos desta parte final representam a constante linha de argumentação de que a identidade é uma idéia inescapavelmente ambígua. Bauman é assertivo: "As batalhas de identidade não podem realizar sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções includentes se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar" (p. 85).

Explora a idéia de eternidade. Esta não tem fundamento na experiência humana, pois implicaria o atraso na satisfação humana tão veloz nos dias de hoje. As coisas devem estar prontas para consumo imediato. "Imortalidade? Eternidade? Ótimo – onde está o parque temático em que eu posso experimentá-los imediatamente?" (p. 81). Além disso, se muitas outras identidades não sonhadas estão por ser inventadas, nunca saberemos ao certo se a identidade que exibimos é a melhor. O desafio parece ser esticar ao máximo o potencial de geração de prazer desse equipamento natural, testando todas as formas conhecidas de identidade sexual. Sobre os movimentos antiglobalização, esclarece que não é possível adotar o lema "pense globalmente, aja localmente", já que os problemas globais só podem ser resolvidos por ações globais. Para ele, "ou nadamos juntos ou afundamos juntos" (p. 95). A maior reflexão é a incerteza oposta: qual identidade escolher e [...] por quanto tempo se apegar a ela? (p. 91).

Trata-se, portanto, de uma obra que oferece um panorama crítico da sociedade capitalista atual. Dentro da liquidez dos fenômenos sociais, Bauman entrelaça posições, trajetórias, atores e estruturas sociais. Mais que uma invenção, a identidade torna-se tarefa política.

Recebido em agosto de 2008

Aprovado em setembro de 2008

Sobre a autora:

Valéria Bastelli Pagnan é mestranda em educação pela Universidade São Francisco e professora na Faculdade de Jaguariúna (SP) e na Rede Pública do Estado de São Paulo.